

Canção do Rio São Francisco

Sérgio Ricardo Matos Almeida



**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
BAIANO
Campus Valença

Sérgio Ricardo Matos Almeida

Canção do Rio São Francisco



**Instituto Federal Baiano
Valença
2015**

O autor:

Sérgio Ricardo Matos Almeida é Engenheiro Agrônomo (UFBA, 1983), Especialista em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Agrícolas (UFLA, 2009), Mestre em Ciências Agrárias (UFRB, 2012), Facilitador em Pedagogia da Rima e, desde fevereiro de 2013, Professor de Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – IF Baiano *Campus* Valença.

E-mail: sergioricardo_agroecologia@yahoo.com.br

Fones: (75) 9998-4201 / 8843-7444

Capa: Pedro Araújo Fernandes

Diagramação: Marcos Boaventura

FICHA CATALOGRÁFICA

Almeida, Sérgio Ricardo Matos. Canção do Rio São Francisco /
A447a Sérgio Ricardo Matos Almeida – Valença: IF Baiano, Campus
Valença. 2015
28 p.

Adaptação em versos do texto original em homenagem aos 500
Anos de descoberta do Rio São Francisco exibido no Programa
Globo Rural pelo repórter Néelson Araújo

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-68329-02-3

1. Agroecologia – Água. 2. Rio São Francisco. I. Título

CDU 631:628

“Misericórdia quero, e não sacrifício.”
Jesus (Mateus, IX -13)

“Louvado sejas, ó meu Senhor,
Pelo irmão Vento,
E pelo ar, e nuvens,
E sereno, e todo o tempo,
Por quem dás
Às criaturas o sustento.
Louvado sejas, ó meu Senhor,
Pela irmã Água,
Que é tão útil, e humilde,
E preciosa, e casta”.

São Francisco de Assis
(Trecho do Cântico das Criaturas)

Sumário

Apresentação	7
Tributo ao Velho Chico	9
Aos Amigos do Globo Rural	11
Venha conosco	13
Um pouco de minha história	15
Auto-retrato	17
Colosso brasileiro	20
Meu povoamento	21
Dolorosas alterações	23
Pedido de socorro	24
Renovando esperanças	26
Bibliografia	28

Apresentação

'Produzir conservando e conservar produzindo' constitui a bandeira maior da Agroecologia e urge que se torne também o lema de todos que trabalham diretamente com o uso de recursos naturais. Nessa perspectiva a conservação dos recursos hídricos assume papel fundamental na sociedade moderna.

Conservar é usar racionalmente. Preservar é manter intacto. Os rios podem ser conservados, desde que suas nascentes sejam preservadas. O Rio São Francisco, no entanto, devido ao seu adiantado estado de degradação, precisa ser revitalizado.

Em 22 de março se comemora o Dia Mundial da Água, e São Francisco de Assis ao denominá-la 'Irmã Água' e exaltá-la por ser “tão útil, e humilde, e preciosa, e casta”, demonstra porque ele é considerado o Patrono da Ecologia.

É com satisfação e sentimento de cumprimento do dever que o IF Baiano *Campus* Valença publica este Canto Poético, o qual nos convoca a reflexões e mudança de atitude acerca da Água, de modo geral, e do Rio São Francisco, em particular.

Viva o Rio São Francisco!

Valença, Bahia, 22 de março de 2015

Francisco Harley de Oliveira Mendonça

Diretor Geral

IF Baiano – *Campus* Valença

Tributo ao Velho Chico

Falar do Rio São Francisco é um prazer e um dever. Filho de suas margens, sempre me encantei com sua grandeza, beleza e destinação, que é promover a prosperidade do majestoso vale em que está inserido. Hoje, porém, torna-se vital meditar acerca de sua missão. Será sustentável o uso que dele temos feito?

Apesar da polêmica que o envolve, em um ponto todos precisam concordar: a necessidade e urgência de sua revitalização.

A presente 'Canção do Rio São Francisco' é leitura obrigatória para estudantes, profissionais e ambientalistas, pois constitui um retrato e uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro desse indispensável Rio da Integração Nacional.

Ler esta Canção me fez transportar à infância e, emocionado, rabisquei alguns versos:

Exaltar o Velho Chico,
Com saudade e carinho,
É um sagrado dever
Daquele que é ribeirinho.

Nele aprendi a nadar,
E pra provar a macheza:
Me livrar do Nego d'água,
Pular da ponte na correnteza.

Nossas mães nos proibiam,
Temendo águas traiçoeiras.
Se a pele “enfubaçava”,
As surras eram certeiras.

No campo não tinha veneno
Nem molhação desastrosa,
Só jatobá e carnaúba,
Ingá, juá e manga rosa.

Nas pescarias tinha pacú,
Surubim, piranha, acari.
E antes do tucunaré
Havia fartura ali.

Nas gaiolas, as carrancas
Protegiam a tripulação,
Nos contavam os comandantes
Os causos de assombração.

Muita coisa foi mudando,
Irigar era a redenção.
Mas ao lado do progresso
Veio a contaminação.

Sem a mata ciliar:
Erosão, assoreamento.
E só chegou para poucos
O tal desenvolvimento.

Veio a salinização,
Anunciando seu hino:
A desertificação
E pobreza do campesino.

O Velho Chico dá sinais
De exaustão, todavia,
Pede Revitalização
Pela Agroecologia.

Salvador, Bahia, janeiro de 2015

João Bosco Cavalcanti Ramalho
Engenheiro Agrônomo
Analista Técnico Ambiental / CREA - BA

Aos Amigos do Globo Rural

Quero lhes parabenizar
Pela talentosa maneira
Com que fazem o melhor
Programa da TV brasileira.

Falo-lhes com intimidade
Como a amigos queridos,
Pois nossa convivência tem
35 anos transcorridos.

Sou agrônomo e baiano,
Formado na UFBA, em Cruz.
Entre na Escola no ano
Que o Globo Rural veio à luz.

Vem daí nossa profunda
E mística relação.
Com ciência e poesia
Caminhamos como irmãos.

Estar com vocês aos domingos,
Tenho satisfação em dizer,
É emoção, é aventura,
É informação, é lazer.

Assistindo a uma matéria
Sobre o Rio São Francisco
Encantou-me a poesia
Que perfumava cada risco.

Veio-me, então, a ideia
De valer-me de tal inspiração,
E em versos dar ao texto
Nova apresentação.

Ao jornalista e autor
Peço sua permissão:
Poeta Néilson Araújo
Dê-me essa concessão. (*)

É que o nordestino tem
Para a rima, um pendor.
Parece-nos mais musical
E didático o teor.

Proponho-lhe publicar
Como parceiros, esta Canção.
Penso que, assim, daremos
Belo presente à Nação.

Sérgio Ricardo Matos Almeida
Engenheiro Agrônomo

(*) O poema ‘Canção do Rio São Francisco’ é uma livre adaptação em versos do texto original do repórter Néilson Araújo, base da reportagem especial em homenagem aos 500 anos de descoberta do Rio São Francisco, apresentada pelo Programa Globo Rural, no dia 7 de outubro de 2001.

Venha conosco

Amigo(a) leitor(a) nos acompanhe
Numa empolgante viagem
Pelo Rio São Francisco:
Nascente, foz e margens.

Num relato que Ele mesmo
Emocionado nos faz,
Pedindo amor e atenção
Para a riqueza que traz.

Quiçá nos apercebamos,
Por esse canto poético,
Quanto dEle dependemos.
É preciso ser ético.

Cuidar do seu povo
E da sua Natureza,
Conservar o ambiente
Com respeito e firmeza.

Pois a Natureza Canta
O Pensamento de Deus.
Vivamos em harmonia,
Somos todos Filhos Seus.

Edna Moreira de Brito Batista
Engenheira Agrônoma

Canção do Rio São Francisco

Um pouco de minha história

Entrego minhas águas pro mar
Na divisa suave e bela
De Sergipe e Alagoas,
Paisagem de aquarela.

No doce caminho até aqui,
Sirvo e me sirvo nas divinas
Terras de outros três estados:
Pernambuco, Bahia e Minas.

De fato, corro por aqui
Há muito tempo, deveras.
Há 60 milhões de anos,
Desde longínquas eras.

Um rio da minha idade,
Lembro-me claramente
A chegada das primeiras
Caravelas imponentes.

Era 4 de outubro
De mil, quinhentos e um,
Data muito especial
Para a devoção comum.

Graças à fé dos portugueses
Fui batizado, como se diz,
Em homenagem ao santo do dia:
São Francisco de Assis.

Nome que muito me honra,
Pois quem pensa em sua pureza
Lembra logo dos seus amores:
Os pobres e a Natureza.

Auto-retrato

Aliás, modéstia à parte,
Em matéria de Natureza
Eu sempre dei espetáculo
De encanto e de beleza.

Vejo com que admiração
Contemplam o majestoso
Cânion, já quase no final
Do meu percurso sinuoso.

Eu mesmo me admiro
Quando me dou a perceber
Esse mundo de água
Que consigo recolher.

Os índios me chamavam
De OPARA, sabiamente,
Que quer dizer rio-mar.
Observação precedente.

Mas lá na ondulante Serra
Da Canastra, na nascente,
Sou um fiozinho de nada
Que comove muita gente.

Logo formo um regato
Cumprindo meu intento,
O primeiro de incontáveis
Aquários que alimento.

Surpreende-me, a uns vinte
Quilômetros da cabeceira
Sentir a primeira queda
Como linda brincadeira.

Levo um primeiro tombo
Numa cascata jeitosa,
Sendo a preparação
Para queda grandiosa.

Despenco logo em seguida
De altura magistral.
São quase 200 metros
De queda monumental.

Tenho mesmo muito orgulho
Dessa bela cachoeira.
É chamada Casca D'anta
Tal riqueza brasileira.

Já vi muita gente, pois,
Perder o fôlego, assim,
Admirando o espetáculo
De tal descida, enfim.

É uma queda vigorosa
Que aprendi a suavizar
Transformando-me em nuvens
E em véu, em pleno ar.

Ao descer da montanha,
O esforço constante
Do contorno das pedras
Faz-me um rio murmurante.

Ora assumo uma largueza
Silenciosa e altaneira,
Ora estreiteza picante
Batendo nas corredeiras.

Colosso brasileiro

Desculpe a vaidade,
Mas com tamanha extensão:
2.700 quilômetros
De águas e emoção,

Sou, assim, o maior rio
Genuinamente brasileiro,
E nesses versos buscando
Revelar-me por inteiro.

Com o dobro da extensão
De famoso rio europeu,
Ao Reno, se comparado,
Um colosso assim sou eu.

Terras que meus afluentes
Comigo temos drenado
Tem dimensão semelhante
À bacia do Colorado.

Meus vales formam, pois,
Área territorial
Equivalente à soma
Da França e Portugal.

Se me permitem mais uma
Vantagem aqui contar,
Tenho vazão maior do que
O Nilo, se comparar.

Meu povoamento

Com entusiasmo eu vi
A linda natureza
Que me envolve ficar
Com mais brilho e beleza,

Devido às pessoas que
Foram se estabelecendo
Nas minhas margens e, então,
A vida foram tecendo.

“Povo do São Francisco”
Ficou comum assim chamar,
Referindo-se, portanto,
Às pessoas do lugar.

Uma gente doce que
Muito aqui realizou,
Muito trouxe para cá
E que Deus abençoou.

Nos pastos do meu entorno
Formou-se a tradição
Da criação de gado,
Riqueza da região.

Das minhas águas tiraram
O peixe, pro suprimento,
E o líquido essencial
Pra cultivar alimento.

Sorvendo as minhas bordas
Mudaram o tom do sertão,
Do cinza da caatinga
Ao verde da irrigação.

O Semi-árido, então,
Dessa forma frutificou.
De mim saem melões, mangas,
Uva e vinho de valor.

Dolorosas alterações

Mas não quero comemorar.
Não sabe como lamento
O maltrato a que venho
Passando nesse momento.

Minhas águas têm gerado
Energia pro agreste,
Trouxeram o progresso,
Iluminaram o Nordeste.

Porém, o represamento
Alterou profundamente
Meus hábitos naturais
Fixados longamente.

Ora sinto como se
Estivessem entupidas,
Outra hora, dilatadas
Minhas artérias sofridas.

Populações que há séculos
Se serviam de minhas cheias,
Viram-se desprovidas
Por decisões alheias.

Uns ficaram mais ricos,
Muitos, bem mais empobrecidos,
Tornando os benefícios
Não tão bem distribuídos.

Pedido de socorro

A irrigação crescia,
E o suprimento minguava,
De tal forma que rachou
O chão que eu inundava.

Assim, por causa dos drenos,
E também do desmatamento,
Muitos de meus afluentes
Esgotaram-se sedentos.

O cenário abundante
Que eu molhava contente,
Vestiu a imagem triste
Do leito seco, candente.

Num deles surgiu até
O Movimento popular
Dos Sem-Água, que assim
Quiseram se expressar.

Presságio ruim aquele
Que o povo representou,
No Oeste da Bahia,
Dentro da calha que secou.

As pessoas agora choram,
Com sensação muito ruim,
A morte de inúmeros rios
Que desaguavam em mim.

Como o Cabeceira Grande,
Quem conhecia, lamenta.
Sucuriú, Ribeirão do Capão,
Só na década de noventa.

De fato, sinto arrepios
Nesta hora, só em pensar,
Que num futuro próximo
Aqui mesmo em meu lugar...

Venha, pois, a ser erguida
Uma dessas cruzes pra mim,
Cravada no próprio leito,
Terá chegado meu fim.

Que um dia fui chamado,
Com sentimento fraternal,
De indispensável Rio
Da Integração nacional.

Renovando esperanças

Pra terminar, quero dizer
Que não guardo mágoa, então.
Pois não é da natureza
De quem me deu nomeação.

Com São Francisco aprendi,
E não tenho esquecido,
Que é compreendendo
Que se é compreendido.

Que onde houver ofensa
Que se leve o perdão.
Peço, pois, que me ajude
A prosseguir minha missão.

Assim, onde haja fome
E carência de provimento,
Que eu possa continuar
Levando o alimento.

Que a tranquilidade
De meus remansos de paz
Leve calma àqueles
Que me afligem demais.

E que o vigor de minhas
Corredeiras em cadência
Dê força aos que lutam
Por minha sobrevivência.

E onde haja ameaça
De morte deferida,
Que eu possa continuar
Levando, pois, a Vida.

Rio São Francisco

Bibliografia

ARAÚJO, N. *Reportagem sobre os 500 anos de descobrimento da foz do Rio São Francisco*. Programa GLOBO RURAL, TV Globo, 07 de outubro de 2001.

FORNARI, E. *Pequeno Manual de Agricultura Alternativa*. São Paulo, Sol Nascente, 1984.

NOVO TESTAMENTO (O). Sociedade Bíblica do Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro, 1955.



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-68329-02-3



9 788568 329023